



Larissa Raquel Nascimento Contreras

O Rio operário: O protagonismo dos trabalhadores e as atividades recreativas da classe operária do Rio de Janeiro dos primeiros anos do XX e a formação da cultura carioca.

Monografia apresentada à Graduação da PUC-Rio
como requisito parcial para a obtenção do grau em
licenciatura em história.

Orientador:

Prof. Dr. Antônio Edmilson Martins Rodrigues

Rio de Janeiro, novembro de 2023.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por me sustentar e permitir concluir esses longos anos de graduação; Tenho total gratidão à Pontifícia Universidade Católica e a Vice-reitoria comunitária que me concederam essa grande oportunidade de compor o seu núcleo de graduandos. Ao meu orientador, que possui toda minha admiração, Antônio Edmilson, que dedicou o seu tempo para me auxiliar. Agradeço ao professor Rômulo Costa Mattos, que tenho grande estima e admiração, por prontamente aceitar o meu pedido para ser meu leitor crítico.

Minha eterna gratidão aos meus pais e padrasto que depositam todo seu amor, esforço e admiração a mim. Aos meus irmãos Nathallia, Diego e Sulamita que são minha fortaleza terrena e fontes de amor por toda minha vida. Aos meus familiares que apoiam, admiram e acompanharam toda a minha graduação com carinho.

Agradeço aos meus amigos que me acompanham ao longo da vida e me apoiam em tudo. E agradeço especialmente os amigos que fiz na pontifícia, sem eles, esses longos anos de graduação seriam ainda mais difíceis. Hellen, Ana Beatriz e Sabrina são amigas fundamentais para a conclusão dessa graduação, elas se mostraram anjos na terra cada vez que precisei. Conhece-las foi a sorte grande de uma vez na vida. E tenho minha imensa gratidão ao meu amor, que incentiva, acompanha e admira cada passo que dou na vida.

Toda essa graduação eu dedico aos meus eternos anjos, Anna Carolina e Matheus Sobral. Que prematuramente partiram de minha vida e não conseguiram acompanhar um dos momentos mais especiais da minha trajetória, e que com certeza estariam orgulhosos da pessoa que me tornei.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo tentar identificar as atividades recreativas da classe trabalhadora do Rio de Janeiro no século XX e suas práticas como divertimentos populares para a compreensão da construção da cultura carioca que se estabeleceu em nossa sociedade até os dias atuais. Para tal compreensão, é necessário analisar o panorama social da época, as muitas transformações e os acontecimentos que marcaram a cidade do Rio de Janeiro durante o século XX.

Palavras chaves:

Classe trabalhadora, cultura carioca, modernização, atividades recreativas.

Abstract

This work aims to try to identify the recreational activities of the working class of Rio de Janeiro in the 20th century and their practices as popular entertainment to understand the construction of Rio de Janeiro culture that has established itself in our society until the present day. For this understanding, it is necessary to analyze the social panorama of the time, the many transformations and events that marked the city of Rio de Janeiro during the 20th century.

Keywords: Working class, Rio culture, modernization, recreational activities.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Barracão de madeira (“cortiço”)	12
Figura 2 – Obras de urbanização do centro do Rio de Janeiro.....	12
Figura 3 - Fábrica de tecido Bangu.....	15
Figura 4 – Companhia de fiação e tecidos confiança em Vila Isabel.....	15
Figura 5 – Atual Bangu shopping.....	17
Figura 6 – Antigas casas da vila operária Bangu.....	20
Figura 7 – Creche da vila operária Bangu.....	20
Figura 8 – Casino Bangu em 1938.....	21
Figura 9 – Espetáculo de teatro de revista “nem te ligo”	22
Figura 10 – Aracy Cortes e sua companhia em 1931.....	23
Figura 11 – Teatro de revista de Madureira “Zaquia Jorge”	24
Figura 12 – A realização do entrudo no Rio de Janeiro.....	26
Figura 13 – O cordão da bola preta em 1936.....	28
Figura 14 – Rancho carnavalesco “caprichosos da estopa” em 1929.....	28
Figura 15 – O corso.....	29
Figura 16 – Time Bangu em 1905 antes da partida contra o Fluminense.....	33
Figura 17 – O campo e a fábrica Bangu.....	34

Sumário

Introdução.....	8
O Rio de Janeiro nos anos iniciais do século XX.....	10
1.1 Entre casos e acasos, os acontecimentos.....	10
1.2 O Rio de cara nova.....	10
1.3 Cada qual em seu local.....	13
O mundo dos operários: fábricas e vilas.....	14
2.1 As fábricas do Rio de Janeiro.....	14
2.2 As vilas operárias e seus moradores.....	18
3. As atividades recreativas.....	21
3.1 O teatro de revista como divertimento popular.....	21
3.2 Carnaval o samba desenhando a cultura.....	25
4. O trabalhador no mundo do futebol.....	30
4.1 As ligas operárias e o futebol de Várzea.....	30
4.2 O pioneiro time de proletários Bangu Athletic Club	32
Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas.....	36

*"Pintei meu Rio qual retrato de Paris
Com a cidade iluminada
;O carioca tem a noite mais feliz
Mostrando ao mundo a riqueza nacional
Meu Rio agora é belle époque tropical
[...]
Botei tudo abaixo (botei)
Levantei poeira (levantei)
Dei muita porrada (eu dei)
Taí o Rio que sonhei".*

(Cidade Maravilhosa, o sonho de Pereira Passos, Carnaval 1997 – União da Ilha do Governador)

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de uma grande curiosidade acerca do cotidiano do povo “carioca”, o meu povo. Nós que somos considerados alegres, festivos e descontraídos, carregamos como marca a honra de sermos o berço do samba, desta forma já podemos ter uma vaga ideia do nosso estilo de viver a vida, embora as longas jornadas de trabalho, a desvalorização do trabalhador e as más condições de mobilidade urbana tenham dificultado os trabalhadores do Rio de Janeiro que sobrevivem a esses percalços com a ajuda das atividades recreativas surgidas há bastante tempo atrás e vividas por eles no século XX.

Meu objetivo sempre foi compreender o porquê das atitudes radicais de mergulho intenso na vida como o dos torcedores do Rio de Janeiro que parecem mais “fervorosos” que os de outras cidades. O futebol aqui é mais que uma paixão, e até mesmo aqueles que não “curtem” muito torcer, carregam uma simpatia por algum time do coração. Aqui o futebol é uma espécie de sagrado e não há como fugir disso. Outra atividade que incendeia o coração e rege a vida dos habitantes da cidade e principalmente dos trabalhadores que também ocupam postos e funções nas escolas de samba, é o nosso carnaval.

O espetáculo pode até ser em fevereiro ou março, mas o ano inteiro os amantes do samba vivem o carnaval. Pode ser em ensaios, em produção de figurinos, em votações ou até pequenas reuniões, sempre é uma festa. Mas como e desde quando isso se tornou possível? Por que o carnaval tomou essa proporção em nossa cidade e quais os agentes que contribuíram para institucionalizar o que hoje é considerado um dos maiores espetáculos da terra? São questões que nos ajudam a compreender a construção da nossa cultura carioca.

São essas perguntas que procuro responder neste trabalho sobre as possíveis origens e manifestações de nossa cultura e suas singularidades. Assim sendo, para compreender as origens das atividades recreativas da classe trabalhadora do século XX, para pensar a

construção da cultura carioca, precisei abordar sobre o conceito de cultura à partir da premissa do antropólogo Roque Laraia, que defende que cultura não pode ser compreendida de modo isolado e precisa de fatores como processos sociais e históricos. E como a cultura tem capacidade de se adaptar e inovar em formas distintas, neste trabalho poderemos notar como as atividades recreativas que tiveram origem em outros continentes, aqui sofreram alterações e se adaptaram conforme o panorama social do período e se tornaram singulares à modo brasileiro ou até carioca.

1. O RIO DE JANEIRO NOS ANOS INICIAIS DO SÉCULO XX.

1.1 Entre casos e acasos, os acontecimentos.

No alvorecer do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por um processo radical de modernização. Grandes mudanças e transformações impactaram não somente a estrutura da cidade, mas também os seus habitantes no aspecto comportamental e mental. Essas mudanças se misturavam, na capital federal, com epidemias, revoltas, precariedade no que diz a respeito à higiene, transformações urbanísticas, crescimento da imprensa como veículo de informação, nova tecnologias, criação de instituições, modernização, carnaval, em especial após a gripe espanhola, jogos olímpicos do centenário, novas construções modernas, grande fluxo de imigrações, militares como protagonistas de episódios passados, greves da classe operária e muitos outros fatores, todos contribuíram para que hoje possamos compreender a “cultura carioca”.

O propósito de pensar a construção dessa cultura carioca é exercitar a compreensão desses acontecimentos históricos como fatores que desenvolveram as singularidades da história carioca, através do modo pelo qual os habitantes da cidade do Rio de Janeiro os perceberam. Com esses acontecimentos houve uma alteração no modo de estar e viver na cidade, principalmente no âmbito das atividades recreativas que com o passar dos anos se repaginaram de acordo com a população e seus costumes.

1.2. O Rio de cara nova.

O Rio de Janeiro nos anos iniciais do século XX passa por uma transformação urbana que muda toda a paisagem da cidade, em especial no que tange ao problema da higiene que se transforma numa das bases do processo de modernização a partir do advento da República. As reformas urbanas visavam o embelezamento, a ordem e a “civilização” como forma de atualização do Brasil na cultura ocidental e na abertura para a institucionalização da cultura burguesa e a economia capitalista tornando a cidade internacional.

Até esse momento inicial do século XX, o Rio de Janeiro, capital do Brasil era vista com maus olhos pelos estrangeiros. Para eles, a cidade era atrasada, insalubre, precária e palco das doenças. A partir dessas representações cria-se um pretexto para as transformações pensadas como um processo de regeneração. Entretanto, muitas outras questões estão em jogo nessas transformações. Pereira Passos que assume a prefeitura da cidade em 1903 foi o responsável pelas principais mudanças da cidade, alterando a paisagem e o espaço urbano além de incrementar novos padrões de comportamento dos habitantes. O centro do Rio de Janeiro foi o alvo central das reformas e representou o efeito das mudanças com o afastamento dessa área dos setores populares que foram associados a visão de uma cidade colonial com os seus cortiços e estalagens, explorados pelos portugueses e ocupados por imigrantes, ex-escravos e trabalhadores como os operários, as lavadeiras, as costureiras, os ambulantes e estudantes.

A queixa geral no final do século XIX era sobre a falta de estrutura de higiene e de saneamento que fazia com que esses locais fossem os principais disseminadores de doenças da época, criminalizando esses segmentos populares de serem os culpados desse estado de coisas. A presença desses segmentos, na opinião das elites e dos governantes, enfeiam a cidade que queria ser moderna e para isso precisava afastar essa situação do centro da capital. Com a reforma de Pereira Passos, esses cortiços e estalagens foram derrubados e destruídos, para a construção de novas habitações, para a abertura de novas ruas e para a criação do ícone da reforma: a Avenida Central. Essa exclusão fez com que os estudiosos desse período denominassem o procedimento como o “bota abaixo”, processo característico do modo de atualização da dimensão burguesa e capitalista na cidade.

Aqueles que perdiam suas residências não recebiam nada porque não eram os proprietários. Os corticeiros é que recebiam as indenizações e os despejados buscavam alternativas para morar. A cidade necessita de um *glamour parisiense*, que não combinava com a pobreza e a miséria. Assim, os excluídos foram buscar nos subúrbios um lugar para viver ou subiram as áreas altas dos morros que rodeavam o centro da cidade do Rio de Janeiro.

Para os principais atores que buscavam modernizar, embelezar e “civilizar” a cidade era necessário retirar do centro todos aqueles que ameaçam o progresso, especialmente os portugueses e os trabalhadores associados aos pobres.

Figura 1 - Barracão de madeira (“cortiço”)



Fonte: Imagem retirada do Google

Figura 2 - Obras de urbanização do centro do Rio de Janeiro



Fonte: Imagem retirada do Google¹

¹ Disponível em:

<https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/reforma-pereira-passos>

1.3. Cada qual em seu lugar

O episódio conhecido como “bota abaixo” foi um dos marcos dos contrastes que dividiram geograficamente as classes sociais da cidade. Os moradores dos cortiços mudaram-se para as encostas dos morros da cidade, aumentando o contingente de moradores das favelas ou ampliando a ocupação dos subúrbios da cidade nas margens da linha do trem. Estavam assim configurados socialmente os territórios da cidade do Rio de Janeiro, os setores burgueses na área sul, contemplando as mais belas vistas da cidade e os trabalhadores ocupantes dos morros em sua tentativa de sobreviver sem saneamento básico, higiene e moradia salubre ou ocupantes dos suburbanos, que se deslocavam para a região central do Rio de Janeiro, para as longas jornadas de trabalho e na volta para casa em trens que se destinavam aos muitos bairros suburbanos em construção:

É a vida suburbana, triste e monótona. Igual, sempre igual, eternamente igual !. Algumas ruas, largas como avenidas, um cinema cheio de cartazes de fitas sensacionais do século passado, com um piano desafinado; uma farmácia que vende mais ervas de curandeiros do que receitas de médicos; uma delegacia com uma ‘prontidão’ sonolento e magro... E eis tudo. Eis a vida noturna dos subúrbios. Os habitantes daquelas casas tristes e pobres vivem no Rio o dia todo nas suas ocupações. Só voltam ao subúrbio para dormir. O Rio, distante, como um monstro insaciável, absorve nas suas usinas, nos seus escritórios, nas suas repartições, aquela população inteira que, à noite, ele devolve, extenuada, aos seus lares. (COSTALLAT, 1990, p. 74)

E a noite abriga os trabalhadores cansados, as atividades recreativas noturnas são como oásis para eles. Essas atividades nas ruas dos subúrbios, nos becos do centro e nas subidas dos morros, são a base de nossa cultura carioca.

2. O MUNDO DOS OPERÁRIOS: Fábricas e Vilas.

2.1. As fábricas do Rio de Janeiro

Não há como falar de construção cultural da cidade do Rio de Janeiro sem que se fale sobre os protagonistas, os operários da nossa cidade. Muitos desses operários são empregados das grandes indústrias têxteis e tiveram suas vidas regidas pelo apito das fábricas. As construções das fábricas do Rio de Janeiro tiveram seu auge na década de 1860 com o processo de industrialização fruto do início da diversificação econômica e do crescimento urbano que trouxe mudanças na vida dos habitantes da cidade e alterou a paisagem e a mobilidade urbana.

As construções de fábricas deram origem à formação dos bairros operários dos subúrbios. Junto com isso, a cidade é impregnada por costumes, hábitos e valores resultantes das rotinas desses trabalhadores que levam para os seus locais de trabalho boa parte de sua vivência cotidiana, fazendo dos intervalos do trabalho tempo para apresentar as novidades das escolas de samba, receitas da cozinha, novas formas de dançar e jogar, inclusive futebol. Os times de futebol das fábricas tomaram conta da vida de muitos trabalhadores e a cidade passou a expressar parte dessa cultura no seu dia a dia. se molda em aspectos culturais a partir da rotina dos trabalhadores. As suas vivências, o cotidiano e a realidade de cada habitante, são fundamentais para a construção da cultura carioca presente nos dias de hoje.

Figura 3 – Fábrica de tecidos Bangu



Fonte: foto de Augusto Malta, 1908²

Figura 4 – Companhia de fiação e tecidos Confiança, em Vila Isabel.



Fonte: Imagem retirada do google³

² Disponível em: <https://medium.com/arte-e-design/f%C3%A1brica-de-tecidos-bangu-f949b863f2d0>

³ Disponível em:

<https://aviladenoelumbairromusical.wordpress.com/category/2-historia-de-vila-isabel/2-6-a-fabrica-de-tecidos-confianca/>

Destaco aqui duas fábricas de muitas no Rio de Janeiro que ajudaram a formar a história de bairros que hoje são popularmente conhecidos e referenciados, Bangu e Vila Isabel. A Fábrica de Tecidos Bangu, localizada na zona oeste, foi fundada em 1889 e tinha por registro oficial “Companhia Progresso Industrial do Brasil”. Ela foi precursora do bairro de Bangu que tomou a partir da fábrica forma, sendo assim um bairro proletário planejado, com o estilo inglês⁴ que tomou conta de todo o bairro, mudando a paisagem urbana e também a mobilidade urbana com a construção de estação ferroviária. A fábrica estava na vida de todos os moradores, ela marcou passo a passo a vida dos operários, impactando a vida de todos e das instituições a sua volta, como igreja e escolas.

A fábrica funcionou até 2004, hoje suas paredes se transformaram no Bangu Shopping, conhecido por bairros vizinhos da região, devido a sua estrutura arquitetônica que remete para a antiga paisagem fabril e para o belo passado operário. Dentro do shopping tem uma área destinada a contar a história da fábrica e da formação do bairro de Bangu, uma espécie de museu onde todos os frequentadores podem visitar e conhecer e se aprofundar mais na história do bairro.

⁴ No século XIX, ingleses foram convocados e importados pelos setores de ferrovia, energia elétrica e pelas fábricas de tecido. Trouxeram seu estilo arquitetônico e instalaram as primeiras máquinas das fábricas, máquinas que só existiam lá.

Figura 5 – Atual Bangu shopping.



Fonte: Imagem retirada do google.⁵

A Fábrica de Tecidos Confiança no bairro de Vila Isabel na zona norte do Rio de Janeiro foi fundada em 1885 e recrutou muitos moradores da região para serem seus empregados. Ela tinha um bom desempenho em termos de produção e isso fez com que ela ano após ano crescesse e se modernizasse. Como a maioria de indústrias mundo a fora, a Confiança sofreu os impactos da queda da bolsa de valores, mas teve seu período de “boas marés” na Segunda Guerra Mundial, pois ela fornecia os tecidos para a confecção das fardas das forças armadas. As duas fábricas localizadas em bairros diferentes e em zonas diferentes, tem muita coisa em comum que podemos utilizar para se possa entender a construção da cultura carioca, pois tudo que envolve o viver operário nessas fábricas é samba e futebol.

Ambos os divertimentos carregam consigo as ações dos empresários ciosos de lucro mas compreendendo a necessidade de manter a comunidade de trabalhadores unida através do financiamento de atividades que faziam parte do cotidiano dos operários. O Confiança Atlético Clube e o Bangu Atlético Clube, clubes formados por operários das fábricas que em seu tempo de lazer praticavam o esporte que estava se popularizando na época são expressam disso e dinamizavam o esporte amador, além de permitirem o desenvolvimento de atividades dançantes e de festas. O estádio de futebol do hoje Bangu chama-se Estádio Proletário Moça

⁵ Disponível em: <https://allos.co/shopping/bangu-shopping/>

Bonita e a sede do Confiança, suas quadras e o campo de futebol foram comprados pela Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. E ambos os bairros carregam em seu berço escolas de samba de renome, a Mocidade independente de Padre Miguel, a Unidos de Bangu e G.R.E.S Unidos de Vila Isabel, onde o operariado também em seu tempo de lazer ia aos ensaios aquecer e vibrar ansiosos pelos desfiles e pelos resultados. As fábricas foram importantes para essa formação dos bairros e para os trabalhadores na questão do pertencimento e da vivência dos operários, além de ser um modo de fechar à comunidade aos influenciadores externos como sindicatos e partidos. Hoje, as fábricas mudaram seu uso, mas a estrutura permanece a mesma, e desta forma os operários que moram no entorno, sempre que avistam as antigas fábricas, remetem para a sua memória os tempos saudosos em que ali trabalhavam, ao mesmo tempo que se recordam das condições de exploração que viveram..

2.2. As vilas operárias e seus moradores

As vilas operárias do Rio de Janeiro crescem juntamente com as fábricas nesse processo de industrialização do século XX. A prática de se construir moradias por empresas para seus operários foi fortemente influenciada a partir da política de isenção de impostos para as empresas que criassem essas moradias. As vilas operárias são habitações planejadas para os operários e têm por características, serem construídas próximas as empresas, desta forma os superiores tinham maior controle sobre a vida dos subordinados. As casas em sua maior parte eram arquitetonicamente iguais, na maior parte das vezes casas geminadas. Sua fachada acompanhava em muitos casos as formas construtivas das fábricas, com um toque dos ingleses.

A criação dessas vilas beneficiava aos donos das empresas, pois permitia o maior controle sobre seus empregados, uma vez que o operário e sua família para habitar uma dessas casas tinham de atender a certos requisitos como ser assíduo no trabalho, não deveria chegar atrasado, não deveria participar, contribuir e inflamar greves. Esses requisitos transformavam os operários em reféns dos patrões fazendo com que eles agissem de modo a não perder seu emprego, pois perderia também o direito à moradia e seus filhos o direito às escolas e creches num momento em que a crise de moradia era constante na cidade. Outro benefício do patrão era o menor custo com o transporte e o baixo valor que pagaria pela mão de obra, uma vez que o pagamento da moradia era descontado do salário do trabalhador, ou a

concessão das casas como parte de acordos trabalhistas. Dentro dessas vilas operárias construía-se ambulatório, escolas, comércio e creches, era uma espécie de “mini-cidade” para os moradores, ou seja, em termos sociológicos uma unidade total.

Essas vilas continuam sendo importantes, pois marcam a presença histórica dos operários e do mundo do trabalho na cidade do Rio de Janeiro destacando os operários como protagonistas e destacando suas histórias de lutas sociais por seus direitos e são os responsáveis por disseminarem a consciência da importância de qual lugar o trabalhador ocupa na sociedade. Os moradores das vilas eram operários que evocavam o espírito de comunidade, fraternidade e solidariedade uns com os outros. Neles habitam a sensação de pertencimento a um lugar, seja o bairro, a fábrica ou a vila.

O sujeito social, que circula na cidade, pertencente a um determinado bairro, que adquire experiências a partir desses lugares, é, sobretudo, um ser comunitário, que se projeta no outro e depende do outro para se fazer sujeito. Esse sentimento de identificação de um indivíduo com outro que, na Modernidade se dava através de características fortemente racionais, com uma identidade fortemente delimitada, hoje, na contemporaneidade, se estabelece através do gosto, do estar junto, do sentimento de pertencimento (MAFFESOLI, 2001),

A vizinhança na vila, em seu tempo de lazer, contribuía para as atividades recreativas, para “matar” o tempo e para relaxar de toda carga de um dia pesado de trabalho. Nas vilas operárias da fábrica Bangu, os moradores ocupavam os bares no entorno da fábrica ou se reuniam para ir aos ensaios da escola de samba que admiravam, ou corriam para o Casino Bangu, antiga *Sociedade Musical Progresso de Bangu* ou iam aos clubes dançantes que ficavam nas áreas vizinhas à fábrica. O Casino Bangu era muito frequentado pelos operários como forma de lazer, lá participavam dos bailes e das apresentações musicais que os alegravam e animavam para as longas jornadas de trabalho posteriores.

Figura 6 – Antigas casas da vila operária de Bangu.



Fonte: página do facebook do museu de Bangu⁶.

Figura 7 – Creche da vila operária de Bangu



Fonte: Página do facebook do museu de Bangu.⁷

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/museudebangu>)

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/museudebangu>)

Figura 8 – Casino Bangu em 1938



Fonte: Imagem retirada do google.⁸

3. AS ATIVIDADES RECREATIVAS.

3.1 O teatro de revista como divertimento popular.

No período que estudamos, os contextos complexos principalmente da primeira metade do século XX nos mostram uma constante busca da identidade brasileira, em especial, de sua capital, como procedimento para entender as questões vinculadas à nação. Para que neste trabalho fica claro nosso objetivo tomaremos uma das atividades de recreação que reunia na cidade todos os segmentos sociais, com ênfase nos setores populares que é o teatro de revista ou teatro rebolado.

Assim como o samba e carnaval, os jogos de azar e a capoeira, o teatro de revista, também conhecido como “teatro ligeiro” proporcionava o lazer para toda a população do Rio de Janeiro desde o final do século XIX. O teatro de revista é um gênero teatral que ganha bastante popularidade no Rio de Janeiro no final do século XIX, esse gênero é caracterizado

⁸ Disponível em: <http://memoriadebangu.weebly.com/casino-bangu.html>

por fazer críticas bem humoradas a certos aspectos do cotidiano do país, essas críticas cômicas em sua maioria eram concernentes aos aspectos e acontecimentos sociais e políticos da época. As peças eram como retrospectivas do ano e deram a Arthur Azevedo a condição de seu grande criador no final do século XIX.

Figura 9 – Espetáculo do teatro de revista “Nem te ligo”.



Fonte: Imagem retirada do Google⁹

Os teatros da cidade eram muito frequentados e visitados por todas os segmentos sociais, pois informavam e debatiam em suas peças questões que envolviam desde a economia até a política e sua eficácia estava em atender à uma sociedade com grande taxa de analfabeto. Numa sociedade em que a oralidade tinha presença o teatro se transformava em um produtor de conhecimentos.

As revistas que ocupavam os teatros tiveram três fases até o seu desaparecimento. A primeira fase foi marcada por textos críticas e bem- sobre os fatos que aconteceram no ano. A segunda fase caracterizou-se pela apresentação da nudez feminina e a presença de música através do protagonismo das vedetes, isso se deu pela inspiração da companhia francesa denominada Bataclan e transformaram as plateias em lugares predominantemente de homens. Os textos foram ganhando erotismo e ironias através de metáforas, mas mantiveram o sentido crítico.

⁹ Disponível em:

<https://universoretro.com.br/pesquisadores-levam-a-sao-paulo-espetaculo-de-variedades/>

Já a terceira fase é de grandes espetáculos, onde o luxo, os bons figurinos, os cenários e as grandes coreografias tornavam as apresentações mais “apelativas”, expondo os corpos femininos e produzindo situações sexualmente mais abertas e é nessa face que o gênero chega a sua decadência. O teatro de revista alcançou todas as camadas sociais e fez parte do clima de modernidade que o Rio de Janeiro estava enfrentando. Assim, também contribuiu para a identidade integrou a cultural da cidade, sendo um dos muitos divertimentos populares da época.

Havia diferentes públicos para diferentes teatros do Rio de Janeiro, mas o principal local onde a população encontrava lazer, a diversão, a “farrá” era a Praça Tiradentes, palco principal dos principais teatros em que ocorriam os espetáculos e lugar onde se expressava a vida como uma “festa”. Os diferentes públicos se mesclavam em teatros populares, como no caso do Teatro São José que era o que atendia mais fortemente aos segmentos mais populares.

Figura 10 – Aracy Cortes e sua companhia em 1931.



Fonte: Imagem retirada do Google.¹⁰

A Praça Tiradentes era o principal espaço do Rio de Janeiro onde se encontrava cultura carioca, as manifestações artísticas mais características da cidade, onde a população se movimentava em torno de, além dos teatros, em bares, restaurantes, cafés e bistrôs. Era o espaço boêmio onde passaram ou surgiram muitos artistas famosos que disseminam cultura, arte e divertimento para o público. Na Praça Tiradentes nasceram os grandes espetáculos de

¹⁰ Disponível em: <https://teatrobr.blogspot.com/2010/12/teatro-de-revista-parte-v.html>

Paschoal Segretto que apresentou aos cariocas os cinematógrafos e as diversões mais populares que se disseminaram nos teatros João Caetano, Recreio, São José e Carlos Gomes que abrigaram as suas portas para os grandes espetáculos de teatro de revista.

Já nos subúrbios no século XX, Madureira e a região no entorno recheada de musicalidade e de futebol abrigou, por decisão pessoal a conhecida “estrela do subúrbio”, a vedete e atriz de teatro de revista Zaquia Jorge, fundadora do teatro Madureira, o primeiro teatro no subúrbio que mostrou o teatro de revista e que teve um funcionamento curto devido a partida precoce da fundadora.

O primeiro teatro do subúrbio era frequentado pela camada menos abastada da sociedade naquele período e a existência dele naquela região trouxe um grande significado para os moradores da região, pois observavam e acompanhavam o crescimento do bairro em aspectos de riqueza cultural que o bairro estava construindo naquele período. Hoje os moradores, trabalhadores que frequentavam o teatro, rememoram saudosos o tempo de lazer e diversão que era proporcionado a eles e revelam essa vivência no Museu de Imagens de Madureira.

Figura 11 – Teatro de revista de Madureira “Zaquia Jorge”



Fonte: Página do facebook Madureira ontem e hoje.¹¹

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/MadureiraOntemeHoje/>

3.2 O carnaval e o samba desenhando a cultura carioca.

Marchinhas, trio elétrico, blocos de rua, ensaios de escolas de samba pelas ruas do subúrbio carioca, alegria e folia, essas são características do maior espetáculo do mundo, o carnaval do Rio de Janeiro. Nesta festa as classes se misturam, os trabalhadores assumem outra função em suas escolas de samba do coração, a preparação para o espetáculo é o ano todo de trabalho e conseqüentemente de festejo. Porém, nem sempre foi assim, a origem do que hoje conhecemos por ser uma das marcas características do patrimônio cultural da nossa cidade um dia já foi muito perseguido e discriminado.

A história do carnaval no Rio de Janeiro é marcada por mudanças de período em período e que de alguma forma ajuda a moldar a formação urbana cultural da cidade. A prática do que hoje conhecemos como carnaval, tem em sua origem nas festas que vieram com os portugueses no período da colonização, entre elas o conhecido “entrudo” que era uma brincadeira que ocupava as ruas, as casas e os espaços rurais, consistia em jogar uns nos outros, líquidos e produtos de procedências duvidosas, como água suja, lama, urinas, vinagres, vinhos, polvilho e farinhas.

Essa atividade no tempo e especialmente depois das reformas urbanas regeneradoras foi associada às práticas de uma sociedade colonial e assim devidamente reprimida e excluída, além de ser a brincadeira dos pobres e negros. Desta maneira, o entrudo das ruas foi considerado “agressivo” e “violento”, e embora ocorressem tensões e reivindicações para acabar com a prática nas ruas, o entrudo durou até a segunda metade do século XIX.

Figura 12 – A realização do entrudo no Rio de Janeiro



Fonte: Imagem retirada do google.¹²

Com as muitas mudanças sofridas na cidade do Rio de Janeiro, muda-se também a prática carnavalesca. Com o Brasil não sendo mais colônia e agora um império, o panorama social mudou profundamente. Com uma nova instituição, as práticas de lazer também se alteraram e o entrudo então era visto como antiquado, retrógado e não satisfazia mais as classes abastadas. A importação de novas formas de brincar o carnaval vem juntamente com as mudanças urbanas que almejavam fazer do Rio um espelho de Paris então se passa a ter um novo modelo de carnaval com os grandes bailes de máscaras da elite reproduzindo o que se fazia em Veneza e se criou as grandes sociedades que anunciavam um carnaval aristocrático e regrado.

Os bailes começaram ocupando os teatros, casarões e espaços frequentados somente pela elite da cidade. Logo foram ocupando espaços públicos como as ruas com as conhecidas “mascaradas”, burgueses desfilavam mascarados e alegres pelas ruas horas antes do grande

¹² Quadro do século XIX. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval-no-brasil.htm> Autor desconhecido.

baile. A ocupação dos burgueses nas ruas do Rio modifica a paisagem urbana carioca, pois a rua deixa de ser vista como apenas lugar de negros escravos e pobres e pessoas desfavorecidas de renda e se transforma em um novo espaço de lazer da burguesia. Com o decorrer do tempo o carnaval é considerado como uma festa da rua. Novos conceitos burgueses tomam conta do carnaval, com o conhecido “corso”, desfiles com o uso de carros luxuosos com os foliões fantasiados que arremessavam confetes e serpentinas nas ruas da cidade.

O carnaval neste momento é caracterizado pelo teor elitista, os pobres não tinham vez nesta prática. Em contrapartida, os desfavorecidos faziam também sua festa, como forma de resistir à elitização do carnaval. Eles reformatam o entrudo que foi proibido a pedido da elite carioca e continuam a cair na folia com os cordões e ranchos. Adotando uma espécie de desfile, os cordões surgidos no final do século XIX, era um festejo carnavalesco em que os foliões andavam em filas, fantasiados e mascaradas, acompanhados de cantigas e batuques e instrumentos de cordas e de sopro. Cada cordão tinha seu próprio nome, e eram diversos. Os ranchos surgiram no final do século XIX e se popularizaram no início do século XX. A sua forma derivava da cultura africana que veio para o Rio junto com as baianas. No rancho aprimoravam-se os cordões, um pouco mais sofisticado e organizado, tinham rei e rainha, coreografias, as fantasias eram iguais e a música era caracterizada por marcha-rancho, uma batida mais ritmada e pausada.

Os ranchos ocupavam as ruas desfilando disciplinadamente e carregavam traços de influência negra do continente africano. Surgem também os “zé-pereiras” que teriam origem na ideia de um português que morava no Rio de nome José Nogueira de Oliveira Paredes que saiu juntamente com alguns patrícios pelas ruas do Rio batucando tambores e foi aclamado pela população, tendo seu nome vinculado a uma das principais atividades carnavalesca carioca. Como a burguesia ocupou as ruas com seu carnaval mais elitizado, os pobres e negros da cidade também dividiram esse espaço. A rua do Ouvidor foi um dos palcos principais dessa mistura da sociedade carioca. Desta maneira, o carnaval carioca vai tomando forma e tendo sua singularidade com a fusão das classes nas ruas.

Figura 13- O cordão da bola preta em 1936.



Fonte: Imagem retirada do site Rio memórias.¹³

Figura 14 - Rancho carnavalesco “Caprichosos da estopa” em 1929.



Fonte: Imagem retirada do google.¹⁴

¹³ Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/cordoes-carnavalescos/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-ranchos.html>

Figura 15 – O corso



Fonte: Imagem retirada do Google.¹⁵

À medida que a cidade ia se modernizando e mudando sua estrutura, fatores sociais também se transformam para se adaptar a essas mudanças. O carnaval seguindo a lógica passa por diversas transformações até se consolidar como o espetáculo que vemos hoje. Com a junção das marchinhas, batuques, coreografias, fantasias e festa, o carnaval toma sua forma na cultura carioca, mas precisava de algo a mais para se institucionalizar, foi então que surgem as “escolas de samba”.

A história é que um grupo formado por amantes do carnaval que ocupavam as proximidades da Praça Onze e tinham por nome “Deixa Falar” queria sua legitimidade afim de evitar mais perseguição das autoridades policiais que discriminavam essa forma de lazer deles. Dessa maneira, ao notarem estar próximo a uma escola, eles se intitulam como “escola de samba” com o pretexto de seguir a lógica gostariam de ensinar o samba àqueles que simpatizavam com a prática. O termo samba naquele momento estava se consolidando. Tendo origem africana, o samba era considerado um ritmo, tendo como componentes os batuques e a dança. No Brasil ganha outro aspecto após acrescentar versos estilo poesias, e se torna uma febre entre os compositores que buscavam reconhecimento. Os que se reuniam para tocar e

¹⁵ Disponível em: <https://gasolinaveia.com.br/o-corso-carnavalesco/>

cantar produziam as canções, mas não tinham facilidade de apresentar ao público por sofrerem repressão da polícia, então se abrigavam nas casas das “tias baianas”.

Uma dessas tias chamava-se Tia Ciata e em sua casa se reuniam grupos de músicos e compositores e só numa dessas reuniões que surgiu a composição do que é considerado o primeiro samba brasileiro, intitulado “Pelo telefone”. O samba ganha forma e posteriormente uma alteração no ritmo, pois é acrescentado mais um instrumento para a marcação, o denominado “surdo”, que hoje conhecemos como o samba utilizado nas escolas de samba. A escola de samba “Deixa Falar” abriu espaço para a criação de muitas outras que se formavam nos vários bairros da cidade como forma de divertimento, distração e para dar voz a classe desfavorecida da sociedade. Com a formação de outras escolas de samba passaram a ocorrer a partir dos anos 1920 os desfiles pelas ruas no carnaval para ganhar presença oficial a partir dos anos 1930 com os concursos das escolas de samba.

Em sua origem, as escolas de sambas através de suas atividades uniam as comunidades e comandavam a principal atividade carnavalesca do Rio de Janeiro. No ano de 1932, o jornalista e dono do jornal “Mundo Esportivo”, Mario Filho inventa as disputas as escolas de sambas, mobilizando os bairros e as favelas da cidade. Assim nasce um dos símbolos mais autênticos do carnaval em território nacional.

A relação dos trabalhadores do século XX com o carnaval é notada expressamente por ser sinônimo de expressão cultural e resistência. O samba em sua maior parte teve origem em morros e comunidades, dos subúrbios até o centro, são os moradores trabalhadores dessas regiões que contribuíram para a formação e o desenvolvimento do samba. Em sambas enredos de carnaval notamos os sabores e os dessabores vividos no cotidiano da classe trabalhadora. Assim como antigamente, podemos notar hoje a participação ativa dos trabalhadores em escolas de samba do coração, ocupando diferentes cargos e funções, e contribuindo com letra de sambas enredos para fazer críticas a questões sociais, políticas e econômicas que de alguma forma afeta a vida dos trabalhadores. O samba e o carnaval contribuíram massivamente para a construção da cultura carioca, e contribuem até os dias de hoje como atividade recreativa para classe trabalhadora que espera ansiosamente pelo carnaval de todos os anos.

4 - O TRABALHADOR NO MUNDO DO FUTEBOL.

4.1. O futebol de várzea e as ligas operárias.

Não há como falar da cultura do Rio de Janeiro, sem falar de futebol. Hoje em cada bairro que visitamos, vemos a prática desse esporte em cada canto, o futebol ocupa o primeiro lugar quando se fala em práticas de lazer. Notando esse apreço que todos tem pelo futebol, e ele sendo a grande paixão de alguns, hoje em dia não aparenta ter sido um esporte de cunho elitista praticados por aqueles mais abastados da nossa sociedade.

Assim que o futebol desce as terras brasileiras¹⁶, vindo diretamente do continente europeu, ele é exclusivo da elite, onde sua prática era especialmente para adotar costumes e hábitos europeus, tão influentes naquele período e negros e pobres não tinham espaço nesse esporte que tinha caráter elitista europeu. Mas a sua popularização tem como protagonistas os trabalhadores imigrantes que vinham para as indústrias e traziam consigo essas práticas esportivas de seu país natal, e que junto a trabalhadores brasileiros se divertiam em campos improvisados dentro das fábricas em seu horário de lazer, este efeito é conhecido popularmente como “futebol de várzea” é o futebol amador, nada profissional, onde não havia regras nem estrutura para se levar a sério as partidas. Conforme as fábricas fazendo parte da democratização e popularização do futebol, os trabalhadores adotaram a prática do esporte na marra, tendo em vista que a classe abastada os impedia de participar dos grandes clubes, e aos poucos foram surgindo as ligas operárias que buscavam formalizar e legitimar o seu futebol e os torneios contra outras ligas operárias. A popularidade era tamanha que o esporte foi crescendo naquele período e muitas fábricas foram patrocinadoras e mantenedoras de grandes clubes futebolísticos atuais, como o Bangu Atlético Clube, que nasceu nos braços da fábrica Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro.

¹⁶ Charles Miller é considerado o responsável por trazer o futebol para o Brasil em 1894, após sua viagem a estudos na Inglaterra. Porém muitos historiadores contestam este fato, devido a muitas histórias sobre a origem do esporte já no Brasil anterior a esta data.

4.2 O pioneiro time de proletários Bangu Athletic Club

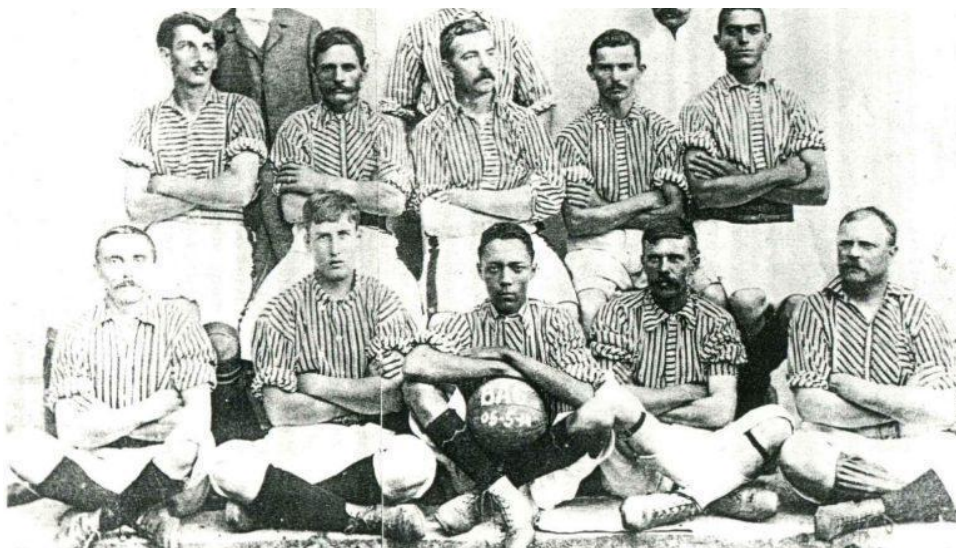
A escolha em abordar sobre esse grande time advém de uma curiosidade pela história muito peculiar da origem e formação do time e que carrega junto a si a formação também do bairro de Bangu. A história da origem do clube surge paralelamente com a história da fábrica, pois têm por seus fundadores, técnicos ingleses que vieram para a Zona Oeste do Rio de Janeiro trabalhar na fábrica Bangu conforme ela se desenvolvia. Esses imigrantes que tinham por costume jogar o futebol encontraram no bairro outras atividades de divertimento popular que não fazia parte de sua cultura, então como forma de distração, monta-se um grupo de trabalhadores imigrantes para praticar o esporte que eles tanto sentiam falta.

Conforme as “peladas” começaram a ser recorrentes, os habitantes do bairro e os trabalhadores se mostram interessados e começam a também participar, fazendo com que o esporte se popularizasse na região. Não demorou muito para que os praticantes almejassem dar passos maiores, já que outros clubes estavam se formando e profissionalizando. Os ingleses gostariam de montar um clube da mesma maneira que era em seu país, com regras, com estrutura e que fosse algo “mais sério”. A direção da fábrica inicialmente não aprovava a prática e não se mostrava disposta a apoiar a iniciativa dos empregados, porém conforme outros clubes foram crescendo e se solidificando como o Fluminense, a direção decide apoiar e financiar o clube. Empréstima uma área dos arredores da fábrica para servir de sede, doa panos de cores vermelho e branco para os uniformes e tem como diretores e fundadores do clube os próprios diretores da fábrica, posteriormente, doa um terreno da fábrica para a criação do estádio conhecido hoje como “Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho” abrigo de muitas partidas importantes para o clube e para outros grandes clubes famosos.

Inicialmente o clube contava como integrantes do time estrangeiros e com o tempo passou, para ter apoio na fábrica e no bairro, a incluir em seu time trabalhadores brasileiros de toda a região, que contribuía com uma quantia menor para se tornarem sócios do clube, que naquele momento estava se solidificando. A história do Bangu Atlético Clube se mostra importante para a construção da cultura carioca, pois tem em sua origem o protagonismo de trabalhadores do subúrbio da cidade que buscavam alternativas para seu divertimento fora do ambiente de trabalho, o clube permitiu a democratização do esporte por ingresso no time do

clube de negros e pobres, pois foi um dos primeiros clubes a defender a inclusão racial nos esportes e teve como símbolo disso a integração do tecelão Francisco Carregal, um dos principais do time, que entrou em campo no jogo contra o Fluminense e causou espanto por ser um homem negro. Quando a Liga Metropolitana de Football proibiu a participação de negros, dois anos após o jogo de Bangu contra o fluminense, o Bangu se retira do principal torneio da Liga, fazendo com que este feito seja uma das principais marcas do clube, de igualdade, resistência e senso de comunidade. O futebol do Bangu Atlético Clube não era apenas uma atividade recreativa dos trabalhadores do século XX, era também uma atividade de resistência da classe menos abastada na luta contra as desigualdades tão explícitas e contra o racismo severo daquele período.

Figura 16 – Time de Bangu em 1905 antes da partida contra o Fluminense.



Fonte: Livro de Carlos Molinari

Figura 17 – O campo e a fábrica Bangu.



Fonte: Imagem retirada do livro de Carlos Molinari.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que hoje conhecemos como atividades características da nossa cultura são marcadas em suas origens por distinção, discriminação e são como formas de resistências e lutas que tem como protagonistas os trabalhadores. Assim foi no futebol, nos teatros e no carnaval. A construção da nossa cultura é marcada pelas heranças desses trabalhadores, pelas influências europeias que inflamavam as desigualdades e luta e resistência das classes populares mediante a forte repressão e tentativas de afastamento. Hoje muita coisa mudou, mas ainda o “resistir” faz parte do cotidiano operário. As muitas transformações da cidade do Rio de Janeiro mudaram todo o contexto urbano, mas não eliminaram a discriminação a desigualdade no acesso à educação, ao emprego e às pautas de políticas públicas.

O que tentei fazer neste trabalho foi apresentar um quadro das atividades recreativas que marcam a cultura carioca e como os trabalhadores e os populares contribuíram para que a cultura carioca se expressasse com a força que tem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Mauricio de. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.

AGUIAR, Mariana de Araujo. **O teatro de revista carioca e a construção da identidade nacional: O popular e o moderno na década de 1920**. Rio de Janeiro: Mariana de Araújo Aguiar, 2013.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar**. O Rio moderno dos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COSTALLAT, B. **Mistérios do Rio**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

CRUVINEL, Aline Cristina Fortunato. "Modos de significar o patrimônio: ameaça à permanência operária no Rio de Janeiro (1970-1990)." VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2020

FERREIRA, Luiz Felipe. "Rio de Janeiro, 1850-1930: a cidade e seu carnaval. **Espaço e Cultura** n. 9-10, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7223>.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. (3a. Ed) Rio de Janeiro. Forense. 2001

MATTOS, R. C. **Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República**. Niterói. 320f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MOLINARI, Carlos. **Nós é que somos banguenses. De 1904 a 2018, a história pormenorizada do Bangu Atlético Clube**. Rio de Janeiro: Ícone. 2019.

OLIVEIRA, M. P. de "Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro". Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol.

X, núm. 218 (51). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-51.htm>> [ISSN: 1138-9788]

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil In: CARNEIRO, S.; SANT'ANNA, M. (Org.). **Cidade: Olhares e Trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond. 2009. p.85-118.

SANTOS, L. S. dos. “Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX”. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 12, n. 30, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1265>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VENEZIANO, Neyde. **O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções**. Campinas, SP: Pontes / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.